



# O POLITÉCNICO

GRÊMIO POLITÉCNICO • ANO LXXVIII • SÃO PAULO, MARÇO DE 2021 • EDIÇÃO 01



**Poli Cubatão:  
passado e presente na  
Escola Politécnica**

**PÁGINAS  
5, 6 e 7**

## Boas vindas, bixarada online!

**Editorial**

**Russas**

**Lavandas  
dançantes em  
incessantes**

**PÁG 2**

**Gestão  
Grêmio 2021**

**Minha ligação  
com o  
acadêmico**

**PÁG 3**

**O Poliglota**

**PÁG 4**

**Poli Cubatão**

**PÁG 5, 6 e 7**

**Quando a  
pandemia  
acabar**

**PÁG 7**

**Grupos Técnicos  
na Quarentena**

**PÁG 8 e 9**

**O cookie  
morreu. Vida  
longa ao FLoC!**

**PÁG 10**

**Desconectar**

**USPirados**

**PÁG 11**

**O Politécnico  
Viu:**

**Crepúsculo  
PÁG 12**

**Desconhecidos  
conhecidos**

**Jornal Cê-Viu?**

**Jornal A Toca  
PÁG 13**

**Jornal CAEA  
boa?**

**Recomeços**

**Jornal O  
Condutor**

**Sinucoluna**

**PÁG 14**

**Jornal O  
Corvo**

**O Legado de  
Lebron James**

**Jornal Dois  
Martelos**

**Soneto da Memória**

**PÁG 15**

## EDITORIAL

Recebam minhas boas vindas, ingressantes de 2021. Vocês acabam de entrar na maior escola de engenharia da América Latina. Preparem-se para os 5 melhores anos de... chega! Pulemos esse beabá: vocês com certeza já ouviram tudo isso, de diversas pessoas diferentes, de diversas formas.

As primeiras dúvidas, ao ter esses papéis (ou papiros) em mãos devem ter sido: isso aqui é realmente um jornal? É parte de um trote? Jornais impressos ainda existem?

Sim, talvez e por enquanto — no que depender de mim, sim! O Politécnico é o jornal organizado pelo Grêmio e feito pelos alunos da Poli. Desde 1944 nosso jornal é um projeto aberto àquele estudante que queira participar das reuniões, enviar seus textos ou apenas sugerir mudanças.

O Politécnico, embora seja o jornal da Poli, não se limita a esse tema, nem poderia. Não é porque estudamos engenharia que estamos isolados do resto do mundo. Essa alienação não combina com qualquer jornal que se preze, então a rejeito.

Por tal motivo, sintam-se livres para participar mesmo que para falar de assuntos totalmente desconectados da Poli. O jornal tem de ser um espaço de livre expressão para os alunos e não há temas certos ou errados.

Assim, nessa edição, trazemos um

total de 3 poesias (uma do professor convidado Cláudio Possani, outra recebida anonimamente e uma cedida pelo Dois Martelos), desabafos, reflexões e até uma tirinha de humor publicada neste jornal em 1984.

Temos, também, um texto que relata a experiência de uma diretora do Grêmio com a área acadêmica e outro que apresenta a escola de idiomas Poliglota, da perspectiva de seu atual diretor. Fora isso, temos duas reportagens: a primeira, da imagem da capa, narra a trajetória de uma unidade da Poli em Cubatão e conta seus efeitos no presente; a segunda mostra a transformação pela qual os grupos de extensão técnicos da Poli tiveram que passar mediante a quarentena.

Além desses, há um texto que mostra a engenharia e matemática por trás de uma possível nova tecnologia da Google que poderia dar um fim aos cookies e um texto escrito em conjunto pela equipe do Jornal avaliando um clássico: Crepúsculo! Os outros jornais da Poli também não ficaram de fora e participaram cedendo curiosidades, crônicas, análises de esportistas e muito mais! Aproveite para conhecê-los também.

Ficou interessado e gostaria de conhecer mais? Me chama no WhatsApp ou pela página do Facebook e venha fazer parte d'O Politécnico.

## EXPEDIENTE



## O POLITÉCNICO

São Paulo, março de 2021 - Ano LXXVIII - Edição 01

**Editor Chefe:** Arthur Belvel

**Equipe Editorial:** Bárbara Prearo, Beatriz Bicudo, Cláudio Possani (professor convidado), Fabrício Belvel, Fernanda Quelho, Guilherme Cavalheiro, Letícia Kimoto, Maikon Yukio, Roberto Araújo, Samira Paulino, Thalissa Reis, Thomás MASG e Verônica Emerick

**Tiragem:** 500

**Diagramação:** Arthur Belvel e Roberto Ortega

**Imagens Poli Cubatão:** JBDrones01 - (13) 99674-1802

*Os textos aqui publicados refletem unicamente a opinião de seus autores e não da equipe editorial ou do grupo responsável pela publicação.*

## CONTATO



fb.com/jornalpolitecnico/



jornal.gremiopolitecnico.com.br

## REUNIÃO

**Quando? Todas as quartas!**

**Que horas? 11h15**

**Onde? Google Meet**

## SUDOKU

	1					9		
	3		9		1	8		
				4	7	2		
		3					4	6
7		8						2
			5	2	3			
			6	5			2	3
9		5						
		4	8			5	1	

## Russas

Criança, eu ia feliz ao parque de diversões,  
heroico subia na montanha russa  
e bravamente pensava: venci.

Adulto, tento conviver com as paixões,  
a vida se oferece como roleta russa  
e tantas vezes, angustiado, penso: perdi.

*Cláudio Possani  
20/10/20*

Lavandas dançantes em incessantes  
melodias de versos afugentados  
solares e sensíveis e sedentos  
por tocar-te a face e alma oscilantes

Tormenta sorumbática, apesar  
da campestre bonança que teu peito  
exala, com raios seduzidos pelos  
negros buracos íris do teu olhar

Anáclise desvairada, declaram  
as pétalas ao escrever em teu cenho  
âmago, o mais devoto soneto

Cortês composição que tuas maestras  
cordas induzem vida a relva láctea  
pela ínfima escultura dos teus lábios.

*Anônimo*

## Gestão 2021: Grêmios Politécnicos Chapa Revogada 2021

**Presidente**

Beatriz Bicudo (Bia)  
(11) 98223-1244

**Vice Presidente**

Gabriela Tamaso (Tamaso)  
(11) 99505-3567

**Tesoureiro**

Francisco Telles (Chico)  
(19) 99873-4411

**Geral**

Rodrigo Yuji (Yuji)  
(11) 91040-2106

**Administrativo**

Guilherme Santerini (Gui)  
(11) 99737-5777  
João Saraiva (Saraiva)  
(11) 97722-7066  
Samira Paulino (Sami)  
(17) 99257-9244  
Vinícius Damin (Vini)  
(11) 96478-2720

**Jurídico**

Guilherme Santerini (Gui)  
(11) 99737-5777

**Patrimônio**

Matheus Feliputt (Feliputt)  
(11) 96330-9179

**Cultural**

Renan Menezes (Nan)  
(11) 96497-0156

**Acadêmico**

Letícia Kimoto (Lê)  
(11) 99964-2704  
Natália Verei (Naty)  
(11) 96450-7507  
Sophia Leal (Soph)  
(11) 94169-8280

**Cursinho**

Edgar Fattori  
(61) 8150-1965

**Projetos**

Arthur Belvel (Belvel)  
(11) 95900-3210  
Julia Carla (Caju)  
(14) 99740-8910  
Renan Menezes (Nan)  
(11) 96497-0156

**Jornal**

Arthur Belvel (Belvel)  
(11) 95900-3210

**Permanência**

Lucas Alves (Luke)  
(85) 9782-8877  
Rebeca Rodrigues (Becky)  
(84) 9111-7752

**Extensão**

Alexandre Marques (Alê)  
(12) 98243-5330  
Fernanda Quelho (Fer)  
(11) 96640-0911

**Comunicação**

João Ciamponi (Ciamponi)  
(11) 99257-3131

**Eventos**

Pedro Gabriel (PG)  
(11) 94500-4040

**Santos**

Tadeu Daltiere (Tadeu)  
(11) 96580-7213

**Social**

Bárbara Prearo (Barbie)  
(19) 98927-2265  
Isabella Mandruzato (Isa)  
(11) 97777-7822

**Comissão Contra Opressão**

Bárbara Prearo (Barbie)  
(19) 98927-2265  
Lucas Alves (Luke)  
(85) 9782-8877  
Rebeca Rodrigues (Becky)  
(84) 9111-7752

**Escritório Piloto**

Lucas Alves (Luke)  
(85) 9782-8877

**Pós-Graduação**

João Belini (Sorriso)  
(17) 98107-6780  
Shigeru Nagao (Shigeru)  
(11) 95150-6891


**ACADÊMICO**

## Minha ligação com o acadêmico

**E**ntrei na Poli em 2020 e sempre fui uma pessoa que demora para se adaptar a novos ambientes. Quando estava começando a me acostumar, surgiu a necessidade do isolamento social. Consequência: o ensino remoto. “Se nem no presencial eu consegui conhecer meus colegas, agora sim que vou acabar sozinha.”

Porém, eu sabia que não devia reclamar, tinha muitos privilégios, entre as coisas mais básicas: um ambiente de estudo adequado, não ter que trabalhar para sustentar minha família e uma saúde física e mental boa, na medida do possível. Dessa forma, eu senti a necessidade de ajudar o pessoal da sala com ques-

tões relacionadas à organização das aulas, uma vez que a situação deles poderia estar mais complicada. Certo dia fiz uma planilha para auxiliar na formação dos grupos de laboratório. Os RCs da minha sala viram valor naquilo e me chamaram para também ser uma deles.

Eles já estavam no cargo há uns meses, então fui aprendendo com eles as tarefas. Com o passar do tempo, percebi que não dá para definir ao certo o trabalho do Representante de Classe. O básico seria centralizar as demandas dos alunos e levá-las para os professores e RDs. E é isso que a maioria faz. Porém, eu com meu jeito de querer fazer sempre mais, acabei passando das tarefas básicas, trazendo



Continua na próxima página >>>

# ACADÊMICO

do para mim a responsabilidade de organizar outras coisas relacionadas as aulas. Algumas delas acabaram chamando a atenção dos RDs da CCB, que para mim foram uma referência de apoio e dedicação aos alunos.

Com isso, certo dia me convidaram para participar de uma reunião do Grêmio. Decidi ir pela curiosidade e me encantei ao descobrir as várias áreas de atuação da nossa entidade. Mesmo vendo muita importância em cada uma delas, quando tive a oportunidade de concorrer a eleição, não tive

dúvidas que o acadêmico seria minha diretoria, pois foi ele que me trouxe até o Grêmio e com ele que eu mais me identificava. Além disso, também fiquei como Representante Discente de alguns órgãos colegiados, papel que para mim significa um grande compromisso com os estudantes.

Vitória nas eleições, assumimos os cargos no início do ano. Sabia que o acadêmico seria muito trabalhoso, e sim, está sendo. É uma correria diária para informar e resolver os problemas dos alunos. Ligado a isso, tem a respon-

sabilidade de RD de ser a ponte entre docentes e discentes, tendo que levar a demanda destes de uma forma que seja aceita por aqueles. Embora seja um pouco cansativo, adoro meu trabalho. Sem sombra de dúvidas, a melhor parte são as pessoas. Ainda mais em um tempo em que estamos todos isolados, valorizo muito esse contato com colegas, com diretores de entidades, e principalmente, com amigos que fiz no Grêmio. Bem, com certeza resolvi uma das minhas inseguranças de ingressante.

Enfim, nem sempre eu acerto, na verdade vivo errando. Mas é com o mesmo espírito que tive lá no início que tento sempre fazer o melhor para nossa comunidade. Sintam-se livres para cobrar quando for necessário. Como representante, é meu dever buscar atender a seus pedidos. Só peço para terem paciência: sou uma aluna em fase de aprendizado como todos.

Letícia Kimoto,  
Engenharia Mecatrônica, 2º ano

## POLI

### O Poliglota

Não é só de Cálculo, Algebrin e afins que vive o politécnico. Buscar expandir os conhecimentos para outras áreas é de extrema importância para a formação, além de fazer um baita bem para a cabeça durante a graduação! Aprender um novo idioma cai como uma luva nesta busca e o Grêmio, como sempre, pode quebrar um grande galho para você com o Poliglota Idiomas.

Depois de se aventurar com uma escola de planadores, com videolocadoras e óticas, parece que nossa entidade encontrou seu grande sucesso empresarial no mercado de idiomas, tanto que já se vão 27 anos oferecendo cursos de excelência para toda a comunidade uspiana.

Além de ser um ótimo trocadilho para uma escola de idiomas na Poli, o nosso nome não faz falsa propaganda, já que você pode virar um verdadeiro poliglota com nossos cursos de alemão, espanhol, francês, inglês e italiano!

Em um mundo normal, o Poliglota fica localizado no prédio do Biênio ("Milênio" para os mais íntimos), mas neste ano de pandemia 2.0 estamos totalmente online. Nossa escola é adaptada à grade do politécnico, oferecendo diversas possibilidades de horário sem conflito com as matérias, com

professores já familiarizados com o público universitário.

Os motivos para estudar com a gente são muitos! Um dos maiores, no contexto da Poli, é o tão sonhado e concorrido intercâmbio, na forma de duplo diploma (DD) ou apro-



Equipe do Poliglota Idiomas

veitamento de estudos (AE). Anualmente diversos politécnicos são despachados para universidades em todos os cantos do mundo para complementar sua formação. O aprendizado do novo idioma é de suma importância nessa jornada, sendo exigido nos editais, e muitos desses alunos fizeram esse preparo no Poliglota Idiomas para arrasar na gringa!

Outro grande motivo é o

mercado de trabalho. Sem dúvidas, um idioma é diferencial na preparação profissional e muitas vezes é item essencial em processos seletivos. Imagine se um dia você começar um internship em uma startup e seu chefe pedir um pitch, para

ca da Razão Pura" de Kant no original em alemão e bancar o intelectual para todos os seus amigos? Ou romper a barreira do croasã para o croissant? Tudo isso é possível com o Poliglota Idiomas!

Depois de tantos motivos fica difícil pensar em um motivo para não fazer um curso no Poliglota, né?! Então não perca tempo, entre em contato com a gente e venha ser #poliglota!

Guilherme Cavalheiro,  
Diretor do Poliglota,  
Engenharia Elétrica, 3º ano



### Matrículas Abertas!

Envie uma mensagem para (11) 96591-5785  
ou acesse nosso site  
[poliglotaidiomas.com](http://poliglotaidiomas.com)





## Poli Cubatão

# Passado e presente na Escola Politécnica

Neste ano, não teremos ingressantes na Poli da baixada santista. Vale para 2021 e valeu para 1991. Por uma primeira vez, a Poli Cubatão não abriu vagas para os vestibulares, pois não tinha capacidade para novos alunos. A experiência que deu origem aos cursos quadrimestrais da Escola Politécnica dava os primeiros passos para o seu fim, que aconteceria anos mais tarde.

A Poli Cubatão foi a primeira expansão da Poli para outras cidades. Tal qual ocorreria anos mais tarde em Santos, foi criada uma unidade da Poli na baixada santista, na cidade de Cubatão. Marcou o início dos cursos quadrimestrais e inaugurou o primeiro curso de engenharia de computação no Brasil. Foram 7 anos de duração, com 4 turmas ingressantes. Ainda assim, o lugar reservado à Poli Cubatão na história da Escola Politécnica é o do esquecimento.

### O Começo

Ao fim da década de 80, Cubatão era uma cidade com um polo industrial estabelecido e necessidade de mão de obra qualificada. Por tal motivo, diversas pessoas que trabalhavam nas indústrias da baixada santista faziam cursos à noite na Poli. Isso evidenciava uma demanda que a prefeitura da época — cujo prefeito era José Passarelli — resolveu explorar, convidando a Escola Politécnica para implantar, numa escola de ensino médio em Cubatão, cursos de extensão ministrados à noite. Esse projeto inicial, guiado pelo professor Décio Leal de Zagottis, então coordenador do NEP (Núcleo da Escola Politécnica), foi um sucesso.

Após tal sucesso, o próximo passo seria ampliar essa participação da Poli na cidade: criar um Polo Acadêmico e Tecnológico em Cubatão. Já havia, por parte da Poli, um interesse na criação de cursos cooperativos, ou seja, cursos que alternassem períodos de estágios e períodos de estudos através dos quadrimestres. A cidade, por sua vez, precisava de uma mão de obra qualificada, que tivesse conhecimento acadêmico e prático.



Vista superior da escola que era utilizada como base da Poli Cubatão

Juntando a fome com a vontade de comer, diretoria e prefeitura se uniram para a criação de uma unidade da Escola Politécnica em Cubatão, ministrando graduações cooperativas e quadrimestrais. Tal projeto teve grande participação, e mais tarde, liderança, do professor Antônio Massola. Era o início da Poli Cubatão.

### Como foi feito

A prefeitura de Cubatão disponibilizou uma escola de ensino municipal para sediar provisoriamente (período de 2 anos) a Poli, comprometendo-se a destinar um terreno para construir uma estrutura definitiva, com projeto elaborado pela Escola Politécnica. A escola destinada ficava às margens da rodovia Anchieta, em um local afastado da cidade. O terreno que seria destinado para a Poli Cubatão definitiva também ficaria próximo às rodovias de acesso ao município.

Já para a questão acadêmica, planejaram-se três cursos: engenharia de computação, engenharia de produção e engenharia química. Todos seriam cooperativos, ou, na linguagem atual da Poli, “quadrimestrais” (apesar de que ser quadrimestral, por si só, não significa que há alternância de estudos e estágios). Engenharia química, assim como engenharia de produção, já eram lecionados de maneira semestral e tradicional na Poli. Já o curso de engenharia de computação era novidade. Não apenas uma novidade para a Poli, uma novidade para todo o Brasil. Seria o primeiro curso de engenharia de computação de todo o país — diz-se que havia uma certa corrida para que esse curso saísse o quanto antes, pois a Unicamp estava planejando criá-lo também.

Então, a primeira Fuvest que dava a opção de se candidatar a uma vaga na Poli Cubatão foi re-

alizada em 1988. Nela, diferentemente de como o vestibular para engenharia de petróleo em Santos era realizado até ano passado, você teria de escolher se queria ir para Cubatão ou não. Não se tratava de uma segunda opção, mas a principal, em que você também escolheria uma das três engenharias. Havia 60 vagas para cada uma das engenharias abertas, o que resultaria em 180 ingressantes para 1989.

### Os primeiros alunos

Após a aprovação no vestibular, os alunos começariam suas aulas na Poli Cubatão em janeiro de 1989. As aulas seriam ministradas, provisoriamente, na escola municipal disponibilizada. Ao chegar na escola, numa primeira visita, alguns problemas já eram evidentes: não havia bebedouros (problema que só foi resolvido no terceiro mês), a estrutura era bem simples, não havia restaurantes

Continua na próxima página >>>



dentro ou perto da faculdade, entre outros. Além disso, a prefeitura tinha trocado, era outro prefeito e partido no poder — este, porém, não demonstrava interesse nesse novo campus da USP.

Surgiu, rapidamente, um problema que já sinalizava como o projeto da Poli Cubatão havia sido exageradamente acelerado: para o início das aulas, não tinha professores para lecionarem a todos os alunos. Abriu-se um concurso para professores que dariam a aula no novo campus e, enquanto isso, durante um quadrimestre, os alunos tiveram uma espécie de “preparação para a faculdade”, reforçando o conhecimento já adquirido e ensinando alguns conceitos básicos. Apenas em maio o primeiro quadrimestre de aulas teria início.

Já nesse período, os 180 alunos da Escola se aproximaram bastante, uma vez que eram somente eles por ali. Um aluno chamado Octávio Gerbasi tomou a frente na representação discente, juntamente com César Augusto César e Pedro Marques. Formaram, assim, o que se tornaria o Centro Acadêmico daquela unidade, também chamado, por eles, de “grêmio”, e que, anos mais tarde, se tornaria o Centro Acadêmico Alan Portela (CAAP). Devido às condições insalubres de boa parte da escola, muitas das pautas defendidas eram simples, como a instalação de um bandeirão, que foi alcançada, evitando que os alunos tivessem de se deslocar por quilômetros para almoçarem. Nesse contexto, Octávio caracterizou a diretoria da Poli como bastante atenciosa e flexível, agindo dentro das possibilidades, com diversas pessoas incentivan-

do o projeto dos cursos cooperativos. “A negociação era de alto nível, sem ‘toma lá, dá cá”.

#### Início das aulas

Em maio, acabaram as pré-aulas e os professores novos chegaram a Cubatão. A inscrição em disciplinas era por módulo, ou seja, você tinha um bloco de disciplinas para realizar naquele quadrimestre, não havendo exclusão ou inclusão de outras disciplinas. “Os módulos terminavam e não tínhamos retorno sobre as notas das provas feitas (nenhuma delas) durante o período. Sabíamos que cada professor tinha um critério de aprovação e, no geral, cada aluno sabia da sua condição particular. Mas não havia o critério sobre reprovações. O que aconteceria entre um quadrimestre e outro. Haveria algum tipo de recuperação? DP? Como e quando seriam feitas as disciplinas reprovadas? Ninguém sabia.” é o relato de Plínio Guimarães, ingressante de 1989 em engenharia de computação.

A ordem, de origem um tanto nebulosa, era de que, caso houvesse reprovação em alguma disciplina daquele módulo, o aluno deveria ser reprovado em todas as disciplinas, ou seja, refazer todo o quadrimestre. Muitos alunos, como foi com o Plínio, já estavam prontos para estagiar, quando receberam a notícia de que haviam sido reprovados: todo aquele primeiro ano tinha sido “em vão”, já que deveriam refazer absolutamente tudo no ano seguinte. Se reprovar numa disciplina nos cursos quadrimestrais da Poli já é complicado, causando diversos problemas fazer isso na Poli Cubatão

se tornaria quase uma sentença.

#### 2º Ano

Em 1990, houve a segunda leva de ingressantes, com o mesmo número de ingressantes que a primeira, ou seja, 60/60/60. A escola praticamente lotou. Como muitos alunos estavam refazendo matérias, algumas salas de aula tiveram de ser ampliadas às pressas. Era o segundo ano de Poli em Cubatão e o segundo ano da gestão Ney Serra na prefeitura. Teoricamente, seria o último ano da escola municipal, pois o novo espaço seria criado. Na prática, os alunos e a diretoria já notavam: esse projeto demoraria para avançar.

Nessa época, o Centro Acadêmico já estava mais organizado: Octávio agia como presidente, diretor institucional, enquanto César cuidava da área financeira e Pedro de festas, esportes e interações no geral. Eles haviam recebido uma sala destinada ao centro, que servia como espaço de socialização (o estudo ficava para as repúblicas). Aliás, a “pequena” Poli estava indo bem nos campeonatos interuniversitários da baixada santista: chegaram até em algumas semifinais, conta Octávio. “Falei para o Pedro nos inscrever em todos os campeonatos que tinha, masculino e feminino, via se ‘dava’ time e íamos”. Essa organização terminava em festas, feitas no próprio campus com bandas locais, e uma recepção acalorada pros calouros, com direito a alguns trotes respeitosos.

Essa organização gerava alguns resultados para os alunos: Karime Abib, da engenharia de produção de 1989, conta que conseguiram adiar a prova para os ingressantes das últimas listas, por exemplo. Ocorreu a instalação de uma pequena biblioteca na escola, essencial em períodos pré-internet. Eventualmente surgiu, também, um jornal dos estudantes da Poli Cubatão que era o “A Fazenda”, mas não parece haver registros dele e, nos últimos anos de escola, foi descontinuado. Porém, a frente principal de atuação do centro acadêmico vinha na defesa do próprio campus.

Tal defesa era feita de diversos

modos: frente à diretoria da Poli, à USP, à coordenação do próprio local, à cidade, ao estado... Não faltou disposição. Octávio relata que muitas vezes puxava grupos de 10 pessoas ou mais para ir à câmara de vereadores de Cubatão defender o desenvolvimento da Poli na cidade e melhorias para a estrutura que tinham. Por outro lado, como também confirma o professor Antônio Massola (coordenador da Poli Cubatão), a gestão Ney Serra não tinha tanto interesse na Escola. O incentivo estava voltado para o IFSP Cubatão, que formava técnicos nas áreas, ao invés de graduados.

Ainda assim, alguns alunos se sentiam desamparados pelo modelo de avaliação da unidade. Além de reprovar alunos por módulos, se a reprovação ocorresse em três quadrimestres seguidos, o aluno seria jubilado — embora, segundo Plínio, isso nem sempre ocorresse. “Uma máquina de moer gente” foi a maneira que Reginaldo Inojosa, da engenharia de computação, descreveu esse modelo. E, de fato, “moeu”. Plínio conta que por ter reprovado um ano inteiro, teve diversos problemas familiares. No ano seguinte, 1990, quando o resultado se repetiu, os problemas se agravaram e ele largou a Poli. Outro aluno, que era ingressante em 1990, havia vindo de outro estado para estudar e, no fim, voltou para casa desmotivado e tendo de explicar aos pais que todo aquele ano tinha sido “em vão”. A pressão foi tamanha que resultou em seu suicídio. Seu nome era Alan Portela. No ano seguinte, foi homenageado pelo centro acadêmico, que passou a se chamar Centro Acadêmico Alan Portela. Houve outros casos similares na escola.

#### 3º ano

Por fim, como já era de se esperar, a prefeitura não cumpriu com sua parte do acordo e a escola municipal parecia que tinha vindo para ficar. Octávio diz que, nessa época, depois de tantas reuniões com prefeitura e vereadores, já estava desacreditado e imaginava que os anos da escola estavam contados. Foi o primeiro ano que não receberam ingressantes na

[Continua na próxima página >>>](#)





unidade: já não cabia mais. Muitos alunos tinham déficits no histórico escolar, precisavam fazer aulas de laboratório e isso não era possível em Cubatão, não havia a estrutura necessária. Resultado: a diretoria determinou que os alunos comessem a fazer algumas aulas em São Paulo. Era o primeiro anúncio do fim daquela unidade da Poli.

Após isso, o CAAP conseguiu que a diretoria disponibilizasse o transporte entre os campus. A chegada em São Paulo foi “complicada”: a engenharia química foi a mais afetada, chegavam a passar quase a semana inteira na Cidade Universitária e teve um estranhamento com os alunos do curso semestral, que tinham aulas totalmente separadas. Aos poucos, os alunos foram se acostumando com as aulas misturadas entre as cidades, embora vários estivessem descontentes, pois selecionaram, no vestibular, que cursariam em Cubatão. A partir do ano seguinte, eles cursariam toda a graduação em São Paulo, formando-se em maio de 1994 (devido à defasagem inicial em Cubatão). Na engenharia química, de 60 ingressantes, formaram 15.

#### Anos seguintes

Em 1992, houve uma nova leva de ingressantes em Cubatão: já era possível pois os antigos alunos estavam “desocupando” o espaço. Como os alunos da turma de 1989 já estavam de saída e os de 1990 já tinham aulas em São Paulo, estes novos encontraram um desampa-

ro dos veteranos, pois muitos já não acreditavam na continuidade daquela unidade e, com o cansaço do modelo quadrimestral, apenas visavam à formatura. A ambição da Poli em construir um grande campus em Cubatão já se esvaecia.

Para o ano seguinte, a situação foi a mesma. Entraram ingressantes em 1993 e, com a subida da turma de 1990, o CAAP foi se esvaziando ainda mais. Nessa época, houve a “invasão do CA”, em que alguns alunos, entre eles, Reginaldo Inojosa, se juntaram para assumir o centro acadêmico. Apesar de, neste ano, Passarelli (prefeito que incentivou a criação do campus) ter assumido de volta a prefeitura, não houve novamente incentivo municipal para a Poli, que cada vez mais mingua e se mostrava incapaz de formar alunos, que sempre tinham de terminar a graduação em São Paulo. Por tal motivo, após esse ano, não receberam mais alunos.

Em decisão conjunta da diretoria da Poli e da prefeitura em 1995, a unidade seria encerrada em 1996. No fim de 95, todos os alunos foram informados de que no semestre seguinte teriam aulas apenas em São Paulo. Foi o fim do CAAP. Reginaldo conta que, nessa época, foi cada um por si em São Paulo: a unidade entre os alunos acabou e sobraram menos de 10 dos 60 iniciais da sua turma. Foi o fim da Poli Cubatão e o início do processo de seu esquecimento.

#### O que não pode ser apagado

Apesar de diversos erros de gestão por parte da Poli, que fez um modelo “improvisado” e com diversas falhas que atrapalharam a formação dos alunos, o maior problema que a escola sofreu foi no âmbito político. Para o ex-coordenador da unidade, a escolha de município para instalação foi errônea, pois acabaram se vendo no meio de “políticos que não tinham interesse nos cursos e mostravam-se completamente alheios em promover a educação no município”. Ainda assim, como haveria de ser, não se tratou de uma experiência sem saldos.

O desenvolvimento dos cursos cooperativos em Cubatão foi peça essencial para, mais tarde, transformar a engenharia química neste modelo e implantar o curso de engenharia de computação também quadrimestral na Poli. Se tais cursos hoje são quadrimestrais, é pela existência dessa unidade esquecida. Segundo Octávio Gerbasi, ex-presidente do CAAP, “todos os 15 estão bem de vida”. Karime forneceu um relato parecido e considera que o modelo é o melhor que tiveram de saldo. O sistema quadrimestral garante que o aluno saia com uma experiência profissional muito boa e, pela Poli ter sido pioneira com aqueles alunos, eles tiveram uma rápida e profunda imersão no mercado de trabalho imediatamente após a conclusão do curso.

Além disso, a Poli Cubatão foi a primeira experiência de expan-

são da Escola Politécnica, algo de suma importância para, anos mais tarde, a criação da Poli Santos — embora tenha sido discutida a recriação da unidade de Cubatão pouco antes da criação da unidade de Santos, possivelmente barrada por motivos políticos. Diversos paralelos podem ser traçados entre as unidades, separadas no tempo. Quais ensinamentos de Cubatão foram usados para Santos e quais, ainda assim, faltaram?

Principalmente, se a Poli Cubatão teve tal relevância para a estruturação de cursos, para a expansão da Escola, para a história da Poli em si, como ela foi parar no esquecimento? Não é correto que um pedaço da história da Poli tenha se “perdido”: mesmo com os avanços da internet, ainda hoje mal se encontram informações sobre essa unidade. Com seus erros e acertos, a Poli Cubatão fez engenheiros de qualidade, inovou em cursos e modelos e fez história. Dessa forma, ainda que preterida, não poderá ser jamais esquecida.

Arthur Belvel Fernandes,  
Engenharia Mecânica, 2º ano

Agradecimentos especiais, pelas entrevistas, conversas e apoio: Karime Abib, Marcos Achado, Octávio Gerbasi, Plínio Guimarães, Reginaldo Inojosa (ex alunos), Rodyrell Pivato (grande interessado na Poli Cubatão), Julio Bley (fotos de drone), Antônio Massola (coordenador da Poli Cubatão), Roberto Ortega (equipe d’O Politécnico).



## Quando a pandemia acabar

Estar num turbilhão de coisas a serem resolvidas, e-mails a serem enviados e mensagens a serem respondidas cansa e não dá pra negar. É sensação de impotência tremenda. Mas felizmente a sensação tem diminuído não de recorrência, eu diria, mas sim de intensidade.

Nos últimos meses, com a tão comentada situação pandêmica, minhas amigas se ressig-

nificaram absurdamente e eu vi nisso novas formas de amor. É um agradecer sincero por estar aprendendo que amigas virtuais tem seu valor e que com elas podemos ir longe. E muito longe.

Esse texto pode parecer um desabafo (e talvez seja), mas também é mensagem de esperança pelo o que têm acontecido na minha vida. São calls no meet que se transformaram em momentos

de risada, entrega de ifood surpresa que viraram manifestação de carinho e preocupação. Ligações por vídeo que se transformarão em abraços apertados nos primeiros (re)encontros presenciais.

Foi de atribuir significados reconhecendo a situação atual que minha vida tem deixado de ser uma eterna sequência de falas com “Quando a pandemia aca-

bar”. Um texto que, no fim, mistura cansaço e esperança. Se esse sentimento se mostra excluindo sua própria essencial, paciência. Quando a pandemia acabar eu penso em como lidar.

Beatriz Bicudo,  
Presidente do Grêmio Politécnico,  
Engenharia Elétrica, 3º ano

# EXTENSÃO

## Grupos Técnicos na Quarentena

A Poli é conhecida pela sua grande quantidade de grupos de extensão, sejam eles sociais, culturais, corporativos ou técnicos. Fazer parte de um destes grupos é poder desenvolver habilidades profissionais e pessoais, além de ser um local de diversão e amizades.

Com mais de 40 grupos disponíveis com diferentes objetivos, esses se tornam uma parte importante do cotidiano de vários alunos e da própria escola. Assim, através de seus eventos, projetos, prestação de serviços ou cursos oferecidos, as entidades da Poli mostram um grande diferencial em relação a outras universidades e uma grande oportunidade de crescimento para seus membros.

Com a chegada da Covid-19 no Brasil e a implementação de restrições sociais, tivemos que nos reorganizar e repensar nossas formas de atuação. Entre todas as categorias de grupos, as dos técnicos certamente foram uma das que mais sofreram com estas restrições. Sendo focados numa parte teórica em conjunto com a elaboração de um projeto físico, estes grupos se encontraram numa situação sem precedentes.

Apesar de possuírem escopos de atuação diferentes, os grupos técnicos compartilham muitas semelhanças. Todos atuam em competições ao longo do ano e são res-

ponsáveis por construir novos projetos, assim, o ambiente físico era um local vital para suas atividades.

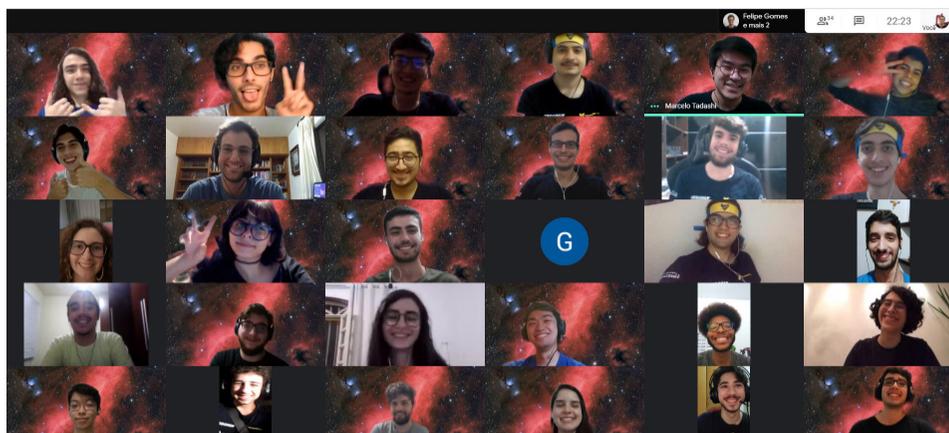
Os grupos costumam se organizar em diversas áreas e fazer seus barcos, robôs, foguetes e carros em oficinas localizadas na Poli e equipadas com instrumentos essenciais e caros. Além disso, a escola acaba por ser um local em comum a todos, facilitando reuniões e a integração de toda a equipe. Dessa forma, as restrições sociais e a regulação de acessos aos prédios da Poli foram deliberações que atingiram todos esses grupos.

Para saber mais como foi o ano de 2020 e o que o mudou no cotidiano de alguns grupos, o jornal O Politécnico conversou com a Equipe Poli de Baja, Projeto Jupiter, Poli Náutico e ThundeRatz para entender o que se passou dentro de cada entidade.

### Lidando com a pandemia

Apesar de termos escutado notícias sobre a propagação de um novo vírus na China desde janeiro de 2020, todos os estudantes foram pegos de surpresa com a rapidez e com a intensidade das mudanças causadas pela Covid-19 no Brasil. Em uma sexta tivemos aula, na segunda seguinte, não.

A princípio, todos os grupos estavam receosos de fazerem grandes mudanças em seus calendá-



Equipe ThundeRatz

rios e em seus projetos, visto que ninguém sabia quanto tempo iria durar a quarentena, nem quais seriam as proporções das restrições sociais.

A primeira grande questão que os grupos tiveram que lidar era em relação aos seus processos seletivos de novos membros. Grande parte dos grupos já tinham iniciado suas etapas de admissão ou iriam começar em breve. Com isso, foi levantada a questão de como prosseguir.

Não houve uma conduta em comum entre as equipes, todas apresentaram uma resposta diferente a essa questão. Alguns grupos como o Náutico e o Baja rapidamente mudaram suas etapas de seleção para um formato virtual e conseguiram terminar sem atrasar muito o calendário inicial; todavia, a ThundeRatz, por exemplo, optou por postergar em alguns meses suas etapas visando atender as demandas de seus interessados e não modificar muito sua proposta de oferecer tanto etapas técnicas individuais quanto em grupos. Assim, cada grupo foi elencando suas prioridades em relação ao ingresso de novos integrantes, utilizando novas estratégias para se adequar ao momento, como vídeo conferências ou entrega de exercícios, porém sempre de forma virtual e segura.

Com o fim do processo seletivo e a chegada de novos membros iniciou-se mais uma questão para as equipes: como fazer uma integração remotamente? A adaptação e a aproximação dos novos ingressantes sempre acontecia de forma natural com as reuniões e as atividades em grupos presenciais. Assim, lidar com essa questão sem poder contar com as interações so-

ciais físicas foi um desafio para as equipes.

Segundo Fernanda Quelho, capitã do Projeto Júpiter, a acomodação dos novos membros foi um processo novo e agitado, visto que uma das melhores estratégias para criar esse novo laço era aproveitar as etapas físicas de construção dos foguetes para competições como meio de criar novos laços de afinidade. Com um grupo de 60 pessoas, uma das estratégias relatadas que trouxe um bom resultado para aumentar a amizade entre os participantes foi a de fazer um pequeno Hackathon interno.

Separando as pessoas em equipes e tentando trazer o espírito de união, o Hackathon foi uma dinâmica que trouxe um bom resultado para o Júpiter. Outra estratégia utilizada foi a de fazer reuniões informais para descontração de todos os membros, com o intuito de se conhecerem mais e compartilharem novas experiências.

### Novos objetivos

Um dos grandes diferenciais dos grupos técnicos para as outras áreas é a possibilidade de trabalhar de forma efetiva com projetos de engenharia e ainda colocá-los em operação em ambientes de competição. Ao longo do ano, as equipes vão trabalhando em suas oficinas e nos laboratórios da Poli para se adequar a diferentes editais de disputa com grupos de outras universidades.

Assim, ao não conseguirem ter acesso aos seus locais de trabalho e verem eventos serem cancelados ou adiados, as equipes tiveram que mudar sua forma de atuação. A princípio, muitas colocaram em prática antigos projetos que não conseguiam ser elaborados devido

Continua na próxima página >>>



Equipe Poli Náutico



Equipe Projeto Júpiter

à rotina intensa das áreas.

O Poli Náutico e a ThundeRatz, por exemplo, acabaram por se dedicarem fortemente à parte administrativa, gestão do grupo e a busca por excelência. Assim, trabalharam para entender quais eram as motivações do grupo, a razão de antigas falhas em anos anteriores, melhorar processos de gerenciamento de patrocínios e passagem de conhecimento. “Foi uma oportunidade de crescimento interno do grupo e principalmente de gerar mais profissionalismo em nossa atuação”, disse Thiago Teixeira, capitão do Náutico.

Com o passar dos meses, as equipes foram recebendo atualizações dos organizadores de suas competições. De início, algumas competições foram canceladas, visto que já estavam prontamente estruturadas para um modelo presencial, foi o caso da Spaceport America Cup e do Winter Challenge, de que participavam, respectivamente, o Projeto Júpiter e a ThundeRatz.

Todavia, com a indicação de que as restrições sociais iriam se prorrogar, muitas competições acabaram se adaptando para um novo formato virtual. Foi o caso da Iron Cup 2021 e da Latin American Space Challenge (LASC), que proporcionaram uma nova vivência e desafios para a ThundeRatz e para o Projeto Júpiter.

Por terem sido realizadas em um novo formato, esses eventos tiveram que mudar suas propostas de realização, sendo necessário explorar novos aspectos dos projetos. Dessa forma, a LASC foi realizada em duas etapas, a primeira solicitou a entrega de relatórios sobre um foguete, com diversas determinações, para ser testado

por meios computacionais. Após essa etapa, houve um desafio de planejar a soltura de um satélite em órbita, algo inédito para os desafiados. Enquanto a Iron Cup 2021, composta por diversas categorias, proporcionou novas realidades, onde tiveram embates de robôs virtuais como a classe do Futebol Simulation 2D e também de robôs controlados remotamente nas categorias Sumo Mini R/C e Hockey Mini Remoto.

Apesar de nunca terem competido de forma virtual e sem a participação presencial dos membros, as duas equipes tiveram boas participações, o Projeto Júpiter se sagrou campeão geral e a ThundeRatz foi a equipe mais bem classificada da competição: conseguindo uma medalha de ouro na categoria de Futebol Simulation 2D, outra de prata no Futebol Simulation Mini e uma de bronze no Hockey Mini Remoto.

Ainda que o objetivo das competições seja colocar em prática os projetos trabalhados, as duas equipes ressaltaram o impacto que elas geraram na integração. Assim, mesmo de forma virtual, foi possível reviver o sentimento de união presenciado em momentos como esse.

#### Passagem de conhecimento

Com o progresso em relação à pandemia e com a adaptação às restrições sociais, alguns grupos como a Equipe Poli de Baja e o Poli Náutico passaram a voltar a ter atividades em oficinas e laboratórios localizados na USP. A princípio, as equipes passaram por conversas internas para alinhar as expectativas dos membros e ressaltar a voluntariedade de encontros presenciais.

Segundo Frederico Hailer, capitão do Baja, foram feitos ofícios junto à diretoria da escola e apresentadas propostas de atividades seguras para uso das instalações dentro da Poli. Conjuntamente, também foram estabelecidas diretrizes internas para conduzir as melhores práticas dos membros, dentro e fora das oficinas, buscando maximizar a segurança de todos.

Os encontros entre os membros, que se disponibilizaram a ir às oficinas, foi muito diferente dos anteriores a Covid-19. Com tempo limitado, uso de equipamentos de proteção individual, distanciamento social e outras medidas, as idas às oficinas eram focadas para a realização de testes e execução de tarefas essenciais.

A questão referente à restrição de atividades práticas levou os grupos ao impasse nunca vivenciando: como garantir a passagem desse conhecimento tão necessário para os novos membros? Um dos grandes diferenciais dos grupos técnicos, como citado anteriormente, é a elaboração de um projeto real, colocando em prática os conhecimentos aprendidos em sala de aula e tendo experiência em atividades manuais.

Todas as equipes encontraram soluções diferentes para tentar lidar com esse problema, que apesar de recorrente, foi agravado ainda mais durante a quarentena. Equipes como o Poli Náutico construíram um blog e aproveitaram a ida às oficinas para gravarem vídeos de procedimentos corretos durante a construção de seus projetos, e junto com manuais disponíveis na internet, foram elaboradas aulas para seus membros. A ThundeRatz também organizou aulas para seus membros sobre temas relevantes à equipe e elaborou uma Wiki e aprofundou seu fórum, visando a garantir uma solução efetiva para assegurar a transferência de conhecimento.

Como forma de se aperfeiçoar e adaptar-se à nova realidade, os grupos passaram a adotar e reforçar o uso de simulações computacionais em suas rotinas. O Projeto Júpiter, por exemplo, passou a utilizar novos softwares para seus testes, além de conseguirem testar com maior precisão seus projetos, essas ferramentas se tornaram es-

senciais para garantir a eficiência dos modelos e agilizar possíveis processos quando voltar à rotina presencial.

#### Expectativas para 2021

O início de 2021 veio com novas esperanças de um novo recomeço, passado quase um ano do início da pandemia e iniciado o processo de vacinação, as expectativas eram de amenizações e talvez volta das atividades presenciais. Todavia, esse ciclo de renovação não durou muito, tivemos um agravamento da pandemia e as expectativas de retorno continuam inexatas.

Ainda assim, o cronograma das equipes continua. Equipe Poli de Baja, ThundeRatz e Poli Náutico já possuem competições marcadas para este ano e pretendem entregar modelos físicos de seus projetos até o final do ano.

O ano de 2020 foi uma surpresa para todos e os aprendizados adquiridos serão mais importantes do que nunca para lidar com as incertezas dos próximos meses. Os grupos técnicos mostraram um grande poder de resiliência, conseguindo se adaptar aos novos padrões de conduta e procurando, continuamente, formas de se desenvolver.

Importante ressaltar a importância das extensões para os seus membros, elas se tornam um local de apoio e amizade num ambiente, muitas vezes hostil, que é a Poli. Assim, diante de uma situação delicada que tivemos de lidar, participar de um grupo é ter um local seguro e confortável para compartilhar experiências e ajudar a superar um período tão complicado.

Felipe Bagni, um dos capitães gerais da ThundeRatz, disse no início de nossa conversa que a Thunder era uma equipe de robôs voltada para competição, e com a pandemia eles acabaram perdendo tanto seus robôs quanto as competições. Durante 2020, Felipe disse que se tornou cada vez mais evidente o fato da equipe ser muito mais sobre pessoas do que projetos. Talvez seja esse o grande aprendizado dos grupos técnicos na quarentena.

Roberto Araújo,  
Engenharia Civil, 4º ano

# ENGENHEIRANDO

## O cookie morreu. Vida longa ao FLoC!

Num cenário em que as nações aumentam suas regulações em relação ao tratamento de dados pessoais, tendência representada pela Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais no Brasil, a maior plataforma de publicidade do mundo, unida à companhia que possui e desenvolve o mais utilizado navegador da internet, propõe uma solução para conformar a publicidade direcionada à nova ordem. O acordo entre Google Ads e Google Chrome promete a privacidade dos usuários e decreta o fim dos cookies de terceiros.

Os cookies HTTP são dados no computador dum usuário, guardados pelo navegador ao acessar uma página que os pede. Servem como a memória da página: quando a página é acessada novamente, os cookies podem ser apresentados, contendo informações diversas. Cookies de autenticação, por exemplo, permitem a identificação dum usuário, que pode passar por diferentes partes de um domínio sem ter que se conectar em cada uma delas. Como páginas conseguem carregar recursos de outras, cookies de mais de um domínio podem ser salvos mesmo visitando apenas uma página, sendo os cookies de outros domínios chamados de cookies de terceiros.

Frequentemente, cookies de terceiros tem objetivo de rastreamento, salvando o histórico de visitas ou características de comportamento do visitante, em um registro que se atualiza sempre que é visitado. Novas normas exigem o consenso do usuário para salvar estes cookies e alguns navegadores já não os salvam mais, caminho a ser seguido pelo Google Chrome em breve. Buscando uma saída, uma das soluções mais ambiciosas da indústria é o Aprendizado Federado de Coortes (FLoC — Federated Learning of Cohorts), proposta do Google.

Essa sugestão foi detalhada num whitepaper, que descreve simplificadamente o mecanismo matemático por trás da proposta. Como seu funciona-

mento envolve álgebra linear, um ramo pelo qual a comunidade politécnica tem grande carinho, vale examinar a proposta. O comportamento dos usuários é analisado localmente, pelo navegador, e transformado em vetor. Em seguida, o algoritmo SimHash cria um novo vetor n-dimensional baseado no vetor original e em n vetores unitários aleatórios ordenados. A primeira coordenada desse novo vetor é zero se o produto escalar entre o primeiro vetor unitário aleatório e o vetor original for menor ou igual a zero



e é um no caso complementar, em que o produto escalar entre os vetores é maior que zero. As outras coordenadas são criadas analogamente, gerando o vetor resultado que é chamado de hash. Quando dois usuários possuem o mesmo hash, eles são agrupados num coorte, isto é, num grupo com características semelhantes. SimHash foi escolhido especificamente por isso, sendo da família dos algoritmos de hash localmente sensíveis, nos quais, dadas 2 entradas semelhantes, são criados hashes semelhantes ou iguais. Com SimHash, vetores iniciais semelhantes, ou ainda, vetores iniciais mais alinhados, tem chance exponencialmente maior de compartilhar um mesmo hash do que vetores que formam ângulos maiores.

O objetivo ao final disso tudo é assegurar a privacidade por meio do k-anonimato — quando a informação de um indivíduo qualquer num conjunto de dados é indistinguível da de outros k-1 indivíduos — para todos os usuários. A operação, como descrita anteriormente, ainda não basta: assim como os grupos

criados podem ser enormes, eles também podem ser individuais (k=1), permitindo rastreamento pessoal. Para resolver tal problema, é suficiente um reagrupamento, levando em consideração hashes similares (a semelhança pode ser avaliada por ordem lexicográfica ou alfabética) e o tamanho mínimo de grupo, k, num algoritmo simples, o SortingLSH.

Embora esse mecanismo precise de um servidor centralizado, que organize os grupos por SortingLSH e não permita a transmissão caso o usuário faça

rios com um mesmo ID deve ser monitorado e catalogado.

Apesar desse grande esforço, várias vulnerabilidades e preocupações foram apresentadas. Frequentemente, há correlação entre grupos demográficos e seus interesses, permitindo a discriminação baseada em FLoC, problema que já existia com cookies de terceiros. Algumas técnicas de rastreamento podem ser aprimoradas, como fingerprinting, a técnica de observar várias informações genéricas (fontes instaladas, línguas disponíveis, resolução etc) para violar o k-anonimato de cada uma delas a partir da combinação: apenas 1 usuário possui esse ID FLoC com esse driver de áudio nesse fuso horário, por exemplo. Em páginas onde o usuário se identifica, seu ID FLoC pode ser ligado a outras informações pessoais e a evolução de seu comportamento pode ser acompanhada pelo ID.

Além dessas preocupações com privacidade, surgiram algumas alegações de que o FLoC favorece injustamente o Google. Mesmo se não estiverem certas, provavelmente quem mais tirará proveito disso serão os detentores do maior motor de busca, do maior provedor de e-mail, da maior plataforma de vídeos, entre outros, com práticas como emprestar infraestrutura a universidades e forçar adoção de padrões web. No domínio dos dados, não erra quem aposta no Google.

Os cookies de terceiros foram uma das mais importantes ferramentas de rastreamento até agora, mas até se não houver sucessor oficial, técnicas e vulnerabilidades como CNAME Cloaking e abuso do cache de favicons garantem a continuidade da publicidade direcionada até onde se ousa imaginar. Os cookies morreram, mas suas sombras permanecem.

Fabício Belvel Fernandes,  
Engenharia Mecânica, 3º ano

# ARTE E CULTURA

## Desconectar

**D**esconectar. Verbo transitivo direto. Interromper ou desfazer a conexão entre.

Ao longo dos séculos, mais especificamente o que vivemos atualmente e o passado, a humanidade vem, incessantemente, buscando maneiras de se conectar.

Se conectar com os outros, com outras partes do mundo e até mesmo buscando contato externo. Mas essa conexão que as pessoas tentam facilitar e aproximar cada vez mais pode também ser danosa. Extremamente danosa.

Ela nos torna dependentes. Mais do que dependentes. É uma dependência que conta com diferentes frentes para que seja a mais efetiva o possível.

Aplicativos. Plataformas. Redes sociais. Amigos. Conhecidos. Ídolos.

Todos procuram engajar o máximo de dependentes pelo maior tempo que for possível, para que continuem nessa dependência, ainda mais na época em que vivemos, onde é o principal e único meio de se comunicar com a maioria das pessoas.

Além de prender e manter sempre conectados ela também aliena. Quando foi a última vez que você viveu sua vida sem influência das redes sociais, do seu celular e de informações advindas dele?

Foi, estando presa nesse pensamento, que eu percebi que precisava reiniciar manualmente - sem ser aquela reiniciada automática

para atualização do sistema.

Decidi tirar um dia para mim, sem contato nenhum com qualquer tipo de redes sociais ou com o celular. Achei que fosse ser uma experiência revigorante e revitalizadora, que eu fosse parar para pensar sobre mim e sobre o que eu tenho feito, como tenho vivido minha vida.



Desconectei.

Mas foi tudo muito além do que eu esperava.

Passei o primeiro dia assistindo série, que eu sei que é uma maneira de estar conectada ainda, mas pelo menos sem outras pessoas, pelo menos 5 mídias sociais na minha frente e querer saber como os outros estavam levando a vida. Foi um momento eu, minha mente e informações de séries

que eu estava consumindo.

E foi ali que eu senti que minha vida tinha sido tirada de mim, só porque eu estava sem meu celular e todos os canais usuais. Será que eu não tenho uma vida? Me indaguei pelo menos umas 50 vezes ao longo dos últimos dias - acho importante mencionar agora que foram inúmeros os dias que passei desconectada, quanto mais

outra parte. Em isolamento social só conseguimos chegar até a outra parte nos conectando.

Sem ter a comparação, a base, a vida de alguém para basear a minha, eu não era nada. E não sou.

Uma coisa curiosa que aconteceu nesses dias foi relacionada à quantidade um pouco exagerada de séries que estou consumindo.

Assim como a comparação acontecia com pessoas, normalmente ao meu redor, ela começou a acontecer com pessoas de séries, querendo suas vidas e me projetando nelas. Eu realmente senti que eu não tinha uma vida minha, e sim qualquer uma que aparecesse para eu copiar. Até meus sonhos, enquanto durmo, foram tomados pelos cenários das séries. Todos eles.

Ainda estou sem me conectar, tentando descobrir qual a vida que eu almejo para mim mesma, o que eu quero, qual o meu propósito. E pretendo responder algumas dessas perguntas antes de voltar. Não posso pegar mais uma vez a vida de outra pessoa para basear a minha.

Foi e está sendo uma experiência bem traumática. Mas ao mesmo tempo libertadora. Uma sensação estranha que eu não sei descrever. Não sei se recomendo. Viver no automático fora da própria cabeça é muito mais fácil. Muito mais cômodo.

Ananda Cruz (pseudônimo)

tempo eu passo assim, mais eu quero passar.

Parece que tudo que eu almejo, que eu construí e que eu sou foi baseado em outros. Em outras pessoas. Em sonhos alheios. Na vida que alguém deseja para si mesmo. Senti que tudo isso foi tirado de mim.

Comparação. Conexão. Tudo estava interligado.

Vivemos nos comparando. Para nos compararmos, precisamos da

## TBT - Politreco 71 - "USPirados"



Veiculado originalmente em O Politreco - Edição 71, semana de 19 a 24 de novembro de 1984

# ARTE E CULTURA

## O Politécnico viu: Crepúsculo

**C**repúsculo dispensa apresentações. Quem viveu entre 2008 e 2012 certamente ouviu falar sobre ou, até mesmo, assistiu no cinema. O início da já clássica saga é uma trama com proposta inicialmente padrão, mas que, rapidamente, começa a soar no mínimo estranha, assim que uma família curiosamente afetuosa dá as caras, enquanto a protagonista luta contra seu lábio inferior, aplicando-lhe mordidas constantemente.

O sucesso a frente de seu tempo passa por erros já amplamente criticados, não me atento a estes, pois nada disso impede que seja um sucesso, já que todas as pontas do filme acabam amarradas no clichê adolescente, algo muito cativante. A aparição dos vampiros Black Eyed Peas, assim como sua vilania, foi muito rápida. Sequer pude me irritar com o ímpeto deles de lançar a Bella, é instinto, tal qual os parasitas de Kiseijū: vivem para isso.

Antes de assistir, pensei que seria um caso de filme da “Regra dos 15 anos” — se você assistiu a um filme e gostou e não tinha 15 anos ainda, não reassista, vai estragar suas lembranças. Na verdade, Crepúsculo me pareceu muito melhor dessa vez, talvez porque eu já estivesse com a cabeça preparada pra me deparar com um filme ruim. Além disso, reparei como a trilha sonora é uma das melhores, Paramore e Linkin Park conseguem melhorar qualquer coisa.

**Nota: 7**  
Arthur Belvel,  
Engenharia Mecânica, 2º ano

Um filme bastante conhecido, tanto positivamente quanto negativamente, e que possui uma enorme base de fãs e haters. No meu caso encaixo muito mais no segundo caso, mas seria um modismo ou existe razão para minha opinião?

O primeiro ponto que chama atenção em um bom romance é o desenvolvimento do casal e a naturalidade (mesmo tendo elementos fictícios) que ocorre. No filme de Crepúsculo esse desenvolvimento ocorre de forma brusca e conveniente para o roteiro, um exemplo é a cena que é revelado o Edward ser um vampiro, antes disso a relação entre o casal era principalmente a dualidade do Edward que, ao mesmo tempo, procurar entender a Bella e de se afastar por medo, mas depois esse conflito acaba quase que desaparecendo.

Outro ponto negativo são os tempos das cenas, as cenas impactantes acabam sendo longas demais e perdendo o impacto (ou até se tornando chatas), tempo que

poderia ser utilizado para o desenvolvimento dos personagens e do casal.

O filme peca no romance, mas a reinterpretação da figura dos vampiros é algo válido e chamativa, mas se deve manter a essência que atrai o público, a figura popular do vampiro é muito associada à questão religiosa, como uma figura demoníaca, mas no filme acabou sendo mera relação de predador e presa. Um vampiro queimar na luz do sol seria representação da bondade exterminando o mal, mas o vampiro brilhar na luz do sol representa... (Alguém consegue responder?)

**Nota: 5,1**  
Maikon Semelewicy,  
Engenharia Civil, 4º ano

Assistir Crepúsculo em 2008 e maldisser de suas interpretações, roteiro ou efeitos especiais era chover no molhado. Crepúsculo foi um marco na cultura pop e é um clássico do cinema adolescente como Harry Potter ou o Clube dos Cinco, apesar de não possuir resquícios da qualidade dos outros dois filmes. Todavia, após mais de uma década, Crepúsculo se transformou e junto com o BBB, que também sofria com as críticas de qualidade, virou cool, é legal gostar de Crepúsculo hoje.

É óbvio que os problemas ainda existem e que todos sentimos vergonha alheia com as caras e bocas dos atores, porém a magia continua presente. Como não se sensibilizar com o amor impossível de uma adolescente de 17 anos e um “jovem” vampiro de 100 e pouco anos, sejamos sinceros, é muito bom para ser ruim. Entre idas e vindas, Crepúsculo continua presente em nossas vidas, seja para nos emocionar ou para nos proporcionar boas gargalhadas.

**Nota: 8**  
Roberto Araújo,  
Engenharia Civil, 4º ano

O primeiro filme de uma saga de sucesso, lembro-me de ter visto Crepúsculo ainda no ensino fundamental e, vendo-o novamente para escrever este texto consegui perceber e me incomodar com muitas cenas e trechos do filme que não me marcaram quando pré-adolescente.

No começo do filme vemos Bella, uma garota do ensino médio que, para permitir que a mãe acompanhe seu padrasto nas suas partidas de baseball vai morar com seu pai em uma pequena cidade com menos de 5 mil habitantes.

Sendo nova na cidade, ela consegue atrair a atenção de seus colegas e, por ter um sangue es-



pecial, a de um vampiro que desenvolve um interesse doentio por ela. O vampiro chamado Edward e sua família são vistos como esquisitões na escola, porém após conhecermos melhor a família vemos que apenas Edward é realmente estranho.

Edward mesmo sem conhecer direito Bella invade a casa dela para a ver dormir, fala que não deveria ser próximo dela, mas sempre que possível começa uma conversa, seu relacionamento com a garota e um convite para jogar baseball com a família dele causaram-lhe um problema imenso, ela brigou feio com seu pai repetindo as palavras que sua mãe lhe disse quando ia se separar, passa por um apuro gigante, quase perde a mãe, a própria vida e mesmo assim ela ainda continua interessada no vampiro.

O filme pode ser interessante para jovens que, às vezes por falta de maturidade, às vezes por simplesmente conseguirem ignorar os defeitos que apresentei. Porém continua sendo na minha opinião uma obra fraca.

**Nota: 4,5**  
Thomás MASG,  
Engenharia Elétrica, 4º ano

Para mim, Crepúsculo tem o ingrediente fundamental para qualquer filme de sucesso: ser baseado em um bom livro. Claro que isso não garante a qualidade do filme por si só, mas já dá um enorme alicerce e uma fanbase quase por garantia. Mas eu, o tipo de adolescente que se negava a ler e/ou assistir os grandes sucessos do momento, talvez tenha acertado em deixar para assisti-la com uma visão mais adulta.

Ele tem cada um dos detalhes para um clichê de sucesso: um par romanesco que atravessa desventuras, grandes falas românticas de fazer inspirar o coração e uma corajosa heroína, de feições dolorosamente inexpressivas, que, diante das ameaças de morte daquele que julga ser seu grande amor, valendo-se da nobreza do seu coração, responde com um grandioso “Eu não me importo”.

O filme começa com uma hora de expressões de Bella em filtro frio e dramático — apoiado pelo clima chuvoso —, passando por tempestuosas e rápidas mudanças, quando enfim evolui para mais uma hora de filme, de cenas mais quentes e uma grande ameaça de morte, que enfim abala as bases da nossa grande heroína, vinda de um personagem que simplesmente eclode na história.

Os efeitos nem sempre são de revirar os olhos e a trama, bom, é de agradar qualquer jovem adulto viciado em romances adolescentes da Netflix. O que há de melhor para ser visto no filme é Robert Pattinson, que em minha cabeça ainda é visto como Cedrico Diggory, por causa da sua atuação — e não os seus pulinhos entre árvores — que salva 73% da película.

Minha crítica fica para como as passagens na história são feitas, como se a personalidade dos personagens mudasse, e meus elogios ficam para a cena do jogo de baseball e para o vampiro que talvez, para salvar o que resta de suas expressões faciais, devia ter ficado em Hogwarts.

**Nota: 6**  
Samira Paulino,  
Engenharia de Petróleo, 2º ano

## ARTE E CULTURA

### Desconhecidos conhecidos

Em tempos de férias em quarentena, vários jogos interativos apareceram por minhas redes sociais: “qual vibe eu transmito?”, “que cor você lembra quando pensa em mim?”, “com quem eu me pareço?”. Esse último me intrigou. Eram pouquíssimas as situações em que eu conseguia pensar em outro alguém que me lembrasse o dito cujo. Eu realmente parava para pensar, mas nada nem ninguém me vinha à cabeça.

Pouco tempo depois, percebi

um fenômeno ainda mais curioso: para mim, é mais fácil pensar em pessoas parecidas com os meus amigos do que pessoas com quem meus amigos se parecem. Ultimamente e não raramente, ao interagir pela primeira vez com um desconhecido, de cara me lembrei de um conhecido com quem se parecia. Curiosamente, duas ou três conversas depois com esse Desconhecido, comecei a perceber que ele nada tinha a ver com o Conhecido com quem eu o havia associa-

do. Ao tornar-se um rosto familiar, o antes desconhecido ganhou uma identidade própria e deixou de apenas se parecer com outro alguém. Ele se tornou o alguém com quem um outro se pareceria no futuro.

Pode soar estranho, confuso e contraditório, mas sinto ter encontrado uma explicação minimamente lógica e plausível para tal. Acredito que, ao nos depararmos com o novo, tentamos aproximá-lo de algo já conhecido previamente.

Talvez para entendê-lo melhor ou apenas para tirar o estranhamento — e talvez até assombramento — inerente ao desconhecido. Já o caminho contrário, ou seja, associar algo conhecido a um elemento incógnito, é um pouco mais complicado.

Thalissa Reis,  
Engenharia de Produção, 2º ano

## JORNAIS DA POLI - CÊ-VIU?

Agradecimento especial à equipe da SeTEC pela curiosidade: você sabia que é possível se hospedar por apenas 1 Euro na Alemanha? Localizada em Berlim, a menor casa do planeta tem 2m de altura e uma base de 70x100cm. O “pequeno hotel”, criado por Van Lee Bo-Mentzel é também uma casa móvel que conta com uma porta, janela, mesinha e um colchão.

- Uma grande conquista para nosso curso: A USP já se provou uma das melhores universidades do mundo. No entanto, no dia 3 de março, demos mais um passo para essa consolidação: A

QS World University Ranking by Subject divulgou uma pesquisa que coloca a USP entre as melhores universidades do mundo em 44 das 51 áreas avaliadas.

Dentre essas, em 13 áreas específicas, a USP se destacou ainda mais, ficando entre as 50 melhores do mundo e, para honra das alunas e dos alunos de Engenharia Civil da Escola Politécnica, o curso de Engenharia Civil e Estruturas ocupa o 39º lugar no ranking mundial. Parabéns a você que está entrando em um curso tão conceituado mundialmente!

Se você quer ver mais conteúdos interessantes como esse,

além de curiosidades, entrevistas, dicas culturais e informações acadêmicas e dos eventos que acontecem na engenharia civil, conheça o “Cê-Viu?”! Fundado no final da década de 70 - e que já foi dirigido por ninguém mais, ninguém menos que Marcelo Tas -, o jornal é um espaço aberto para todo mundo do curso deixar opiniões, escrever sobre assuntos de interesse e mostrar sua arte! Entre em contato com a gestão do CEC caso tenha interesse em fazer parte da nossa equipe!

Lucas Neri,  
Engenharia Civil, 3º ano



## JORNAIS DA POLI - A TOCA

### Sobre o Jornal - A Toca

Oi, bixes! Mais uma vez, desejamos boas vindas e queremos apresentar pra vocês mais um projeto que nós do Centro Acadêmico da Engenharia de Produção, o CAEP, temos muito carinho, o nosso jornal A Toca! Nosso jornal tem uma história bem legal, que começa e tem sua primeira edição em 1996, e desde lá muitas mudanças aconteceram. A última mudança, por exemplo, foi a mudança de nome do jornal: até 2018, seu nome era “O Patrão”, mas o nome mudou porque achamos que A Toca combinava mais com a ideia do jornal.

Mas você deve ter várias dúvidas: o que falamos nesse jornal? Quem pode escrever? Continue lendo que vamos falar um pouquinho pra vocês!

O jornal do CAEP é um espaço para todos que querem falar sobre algum assunto que gostam, matar a saudade de escrever um pouco, fugir dos números ou mesmo expor uma arte que você fez e gostaria de compartilhar. Nós temos algumas colunas que costumamos escrever sempre, como a coluna “Série da Vez”, que como diz o nome, fala sobre alguma série que está em alta no momento

e que alguém quer recomendar. Mas também estamos sempre abertos a novas ideias! Então se você quiser escrever um texto que não se encaixa em nenhuma das colunas, não tem problema nenhum! Escrevendo pro jornal você pode mostrar sua criatividade à vontade!

Assim, nessa primeira edição você vai encontrar algumas informações importantes pra esse seu início na Poli, algumas curiosidades sobre a Poli/USP e entretenimento! Falamos de filmes, receitas, informações acadêmicas, entre outros assun-

tos e você pode participar das próximas edições conversando com alguém da gestão do CAEP, mandando mensagem para alguma das nossas redes sociais ou até pra página do Jornal no Face, @jornalatoca. Esperamos que vocês gostem das matérias e que, quem quiser, venha participar das próximas edições! Mais uma vez boas vindas e boa leitura!

Eduardo Anbar,  
Engenharia de Produção, 3º ano

# JORNAIS DA POLI - CAEA BOA?

## Recomeços

Um homem se levanta à meia noite para se preparar para seu primeiro turno como gari na capital. Ele veste seu uniforme verde, aponta uma lanterna no espelho para testar os refletores de seu uniforme e checa o fecho do pendente que não sai do seu pescoço. No pingente, uma foto dele com sua mulher e filho destaca um cofrinho segurado pela criança, tirada há menos de um mês quando ele e a mulher prometeram criar uma poupança para o menino. Ele não tem muito, mas seu pouco parece se transformar em tanto quando seu filho o encara com adoração a cada fim de semana que ele retorna para sua cidadezinha do interior nos fins de semana... O homem sempre almejou o recomeço, mas não parece ser para si.

Uma mulher abre a porta de sua casa em meio a tempestade, quase sendo encharcada pelo jato de água provocado pelos

pneus de um carro que passava. Ela entra no uber depois de tomar alguns pingos na cabeça, checando com seus amigos o horário do vôo que eles reservaram a menos de uma hora. O que era pra ser um par de noites mergulhadas no vinho e filmes de comédia romântica se transformou em um fim de semana sem preocupações no meio do mato. Planejar o recomeço não é algo tão massante com essa inusitada forma de descanso.

Um jovem encara uma tela retangular, perde em um devaneio sobre seu futuro. Seus primos insistem em se dirigir a ele com pronomes masculinos, ele não consegue contar nos dedos a quantidade de vezes que tentou explicar o conceito de gênero neutro a eles... seus pais ainda não sabem de sua recém-descoberta identidade como não-binária e ele está começando a criar coragem para contar para seus amigos. A única pessoa que sabe

de sua revelação é a amiga de infância que foi fazer um intercâmbio a milhares de quilômetros de distância. Com tantos cenários tentando acabar com seu bom-humor, uma mensagem dessa amiga ilumina novamente a tela semi apagada do seu dispositivo, trazendo um sorriso à tona para acabar com a sombra de tantas incertezas. O recomeço não é tão assustador com o suporte dela.

Recomeços... mesmo em situações de insegurança, são os laços humanos que nos fortalecem para desbravarmos o desconhecido.

Isabela Takeda Tiozzi (Tak),  
Engenharia Ambiental, 2º ano

O "CAEA boa?" é o jornal ministrado pelo setor de comunicações do Centro Acadêmico de Engenharia Ambiental. Nosso periódico, apresentado no formato PDF, contém um conjunto

de matérias elaboradas tanto por membros do CAEA quanto por outros alunos da Poli (principalmente da Ambiental), costuma apresentar uma mistura de atualidades da área ambiental, relatos do dia a dia e artes visuais de politécnicos. Nosso jornal estará acompanhando o aluno do curso de Engenharia Ambiental durante sua jornada em rumo a graduação e, visto isso, elaboramos uma edição especial só para vocês, bixes! Numa tentativa de tranquilizá-los na transição pela qual vocês estão passando, nós apresentamos dicas para lidar com uma faculdade em modo EAD, textos especiais de alguns membros do CAEA e até um conjunto de fotos para vocês conhecerem um pouco dos ambientes mais frequentados durante a rotina presencial! Caso queira conferir as edições já lançadas do jornal (inclusive a edição especial acima mencionada), acesse: <https://bit.ly/38oo5dX>

# JORNAIS DA POLI - O CONDUTOR

## Sinucoluna

Sinuca, 7-bola, bilhar, pool, snooker inglês, sinuquinha, carambola, etc. são muitas as modalidades de esportes de mesa que envolvem três elementos muito simples: mesa, taco e bola.

A beleza do esporte se dá pela simplicidade e pela acessibilidade; as regras são simples: com o taco acerta-se a bola branca que por sua vez impulsiona as outras bolas em direção a alguma das seis caçapas da mesa; a diferença entre modalidades dá-se geralmente pela ordem em que se deve jogar ou pelo tipo de bola a ser encaçada.

A sinuquinha, a modalidade mais praticada nos bares e botecos do país, é um jogo justo e democrático, qualquer um con-

segue aprender a jogar, especialmente devido ao fato da mesa padrão ser pequena e portanto não é necessário ter muito jogo de corpo.

Mas há também a profissionalização do esporte. O campeonato mundial de snooker inglês premia os campeões da competição com prêmios de até 500 mil libras esterlinas, além de bônus de 50 mil libras para o competidor que alcançar o famoso um quatro sete, a pontuação máxima desta modalidade.

No CEE contamos com uma ótima mesa e os conjuntos de bolas para sinuca brasileira e bilhar. Convidamos todos os interessados, independente da experiência e habilidade, para se divertirem conosco naquela



mesa que já rendeu tantas histórias.

Brian Andrade,  
Engenharia da Computação, 3º ano

João Soares Cavalcante,  
Engenharia Elétrica, 3º ano

Best Exhibition Snooker Shots Of 2018: [bit.ly/sinucoluna1](http://bit.ly/sinucoluna1)

Acompanhe mais dO Condutor no Facebook: [fb.com/ocondutor.poli](https://fb.com/ocondutor.poli)

# JORNAIS DA POLI - O CORVO

## O Legado de Lebron James

A NBA vem se renovando a cada ano, com jogos mais rápidos e que exigem mais fisicamente, ou seja, fica óbvio que o jogo de 20 anos atrás não é o mesmo de atualmente. Mas então como explicar a existência de um jogador que conseguiu revolucionar a liga e continua jogando em altíssimo nível mesmo com 36 anos de idade?

Estamos falando de Lebron James, o jogador amado pela maioria, por ser um dos jogadores mais completos da história. Como pode um jogador tão antigo se manter em alta atualmente?

Lebron começou a jogar na NBA em 2003 pelo Cleveland Cavaliers, no mesmo ano de vários jogadores incríveis, como Dwyane Wade, Chris Bosh, Carmelo Anthony, Kyle Korver e até mesmo do brasileiro Leandro Barbosa. A NBA dessa época era dominada por lendas como Kobe Bryant, Tim Duncan, Shaquille O'Neal, e muitos outros que passaríamos muito tempo falando, mas em sua primeira temporada Lebron James conquistou a premiação de calouro do ano com médias de 20 pontos, com um estilo de jogo que impressionava por ser extremamente atlético e por possuir um arremesso de média distância muito consistente. A partir daí foi só sucesso na carreira de Lebron, de 2005 a 2018, não

houve um Playoff que Lebron não estivesse presente, sendo que de 2011 a 2018, ele participou de 10 finais consecutivas, sendo vencedor em 3 dessas e recentemente no ano de 2020, Lebron James conseguiu seu quarto título.

O que impressiona é apenas a sua participação, é também a mudança de mentalidade do time que Lebron chega, desde 2003 ele jogou por 3 times, Cleveland Cavaliers (time que o draftou), Miami Heat e Los Angeles Lakers, em Cleveland ele cumpriu a promessa de conquistar o primeiro título da NBA na história do time em 2016, em Los Angeles ele quebrou um jejum de 10 anos sem títulos e em Miami ele conseguiu formar um super time com Chris Bosh e Dwyane Wade conquistando dois campeonatos em sequência, em 2012 e 2013.

Lebron também conseguiu inovar o seu estilo de jogo ano a ano, em certos momentos de sua carreira ele abriu mão de ser o pontuador para ser um grande passador de sua equipe, desde 2016 até 2020, a sua média se manteve acima de 8 assistências por partida, sendo que em 2020 ele alcançou 10 assistências por partida, sendo o líder de assistências da Liga.

É difícil dizer em qual posição Lebron joga, o mesmo faz questão de levar a bola em muitos



momentos da equipe e ao mesmo tempo ser presente no garrafão. Na temporada atual, até o presente momento, Lebron tem jogado aproximadamente 35 minutos por partida, vale lembrar que Lebron já possui 36 anos, e mesmo assim continua entregando muito mais do que esperado fisicamente.

Ele ainda conseguiu ser o melhor jogador (MVP) da liga por 4 vezes, venceu o prêmio de melhor jogador das finais por 4 vezes, e foi escalado para o all-star game outras 17 vezes, sendo também o terceiro maior pontuador da liga, ou seja ele é o terceiro cara que mais fez pontos na NBA.

Chega a ser incontestável a grandeza de Lebron, mas o que mais podemos tirar do legado dele, é a sua enorme constância e na liga, e se o mesmo decidisse se

aposentar agora, ainda seria considerado um dos maiores jogadores da liga e por muitos, o maior.

Vitor Valadares,  
Engenharia Mecânica, 2º ano

O Corvo é o jornal das engenharias Mecânica e Mecatrônica, é um projeto aberto no qual os alunos podem ter acesso à produção de um jornal, escrevendo as matérias, produzindo artes e a identidade visual do jornal, planejando conteúdo e muito mais, passando pelos processos de produção de um jornal. O jornal possui como principal meio de divulgação as redes sociais com posts semanais e em períodos de exceção migra para as plataformas digitais, onde os textos são postados no facebook.

# JORNAIS DA POLI - DOIS MARTELOS

### Soneto da Memória

Penumbra de um passado abandonado  
São os resquícios que para trás deixamos  
Em um mar de memórias ignorado  
Momentos essenciais, desprezamos

De repente um barulho inesperado  
Um filme na mente e nos contentamos  
Lembranças à tona, um emaranhado  
E dos esquecimento, relembramos

Tudo que aparentava estar perdido  
Renasce. Um estopim, revolução  
Abandona-se o que ainda era mantido.

As memórias retornam de antemão  
Sombras que dão lugar ao ruído,  
Atreveríamos à contramão?

Gustavo Balena

O Jornal Dois Martelos, criado na época da fundação do CMR (1944) e revivido em 2016, é um meio de expressão dos alunos que participam dele. Postamos matérias produzidas por alunos da USP, que podem se juntar à equipe de escritores de forma totalmente inclusiva, vindos de qualquer curso, ou até mesmo enviar seus textos de forma anônima, caso sintam vontade de postá-los em nossa plataforma sem precisar expor seus nomes.

Temos impressão de edições físicas, com as tradicionais edi-

ções para bixos e bixetes nas semanas de recepção, e recentemente, com a situação atual da Poli e do planeta, estamos fazendo postagens com frequência estabelecida pelo nosso Facebook.

Nicole Masaro,  
Engenharia Metalúrgica  
e de Materiais, 2º ano

Gustavo Balena,  
Engenharia Civil, 3º ano



# poliglota

idiomas



INGLÊS



ALEMÃO



PORTUGUÊS



ESPAÑHOL



ITALIANO



FRANCÊS

FAÇA UM DOS

**M**ELHORES CURSOS DE IDIOMAS PELO  
ENOR PREÇO DO MERCADO!

**ESTUDE NO POLIGLOTA!**

